

# A palavra no contexto interacional

Jahilda Lourenço de Almeida

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo (USP)

**Resumo.** Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância do contexto na produção de sentido do texto conversacional. Com esse intuito, procuramos analisar a palavra inserida em situações comunicativas diferenciadas, ressaltando os efeitos de sentido decorrentes de seu emprego. Para tanto, recorremos a autores como Bakhtin, Brandão, Orlandi e selecionamos como exemplos textos extraídos da obra de Plínio Marcos, *Homens de Papel*.

**Palavras-chave.** *Situação comunicativa; contexto; efeitos de sentido.*

**Abstrat.** *This work has a goal showing the importance of context in the production of sense of the conversational text. With this goal in mind, we try to analyse the word inserted in differentiated, communicative situation, highlighting the effects of the resulting senses. Therefore, we resort to authors like Bakhtin, Brandão, Orlandi. For examples we select texts from the work of Plinio Marcos: Homens de papel.*

**Keywords.** *Situation communicative; context; effects of the senses.*

## Considerações iniciais

Clausura. Isolamento. Prisão. Parecia ser este o destino reservado à palavra. Privada do seu poder de significar, via-se fadada a perecer no universo restrito e limitado dos dicionários e compêndios gramaticais. Assim, ela agonizava nas mãos daqueles que dela fizeram objeto de estudo. Integrantes do objetivismo abstrato a situaram fora do todo dinâmico da fala, desconsiderando, portanto, a força da enunciação. Adeptos do subjetivismo individualista, por sua vez, apenas levavam em consideração o ato da fala, tentando explicá-lo em relação com a vida psíquica individual do sujeito falante. Imersa neste oceano de “mentiras”, melhor dizendo, de verdades distorcidas, ela via cada vez mais comprometida sua liberdade de significação. A salvação para o seu insulamento chegou pelas mãos de Bakhtin. Guiado por uma visão diferente daquela dos estudiosos acima mencionados, ele acaba por devolver à palavra sua verdadeira função. Para ele, o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. Ele valoriza, portanto, a situação comunicativa em que estão envolvidos os indivíduos que nela interagem. Em sua

abordagem diferenciada, (1990:112), “a palavra dirige-se a um interlocutor; ela é função desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.)”

Assim sendo, podemos observar na visão bakhtiniana a relevância atribuída à palavra enquanto instrumento de interação. Nesse universo em que não está apenas unida a outras palavras, ela se reveste de tudo que possa garantir-lhe a expressividade: sentimentos, emoções, gestos, visão de mundo. Inserida no mundo particular daquele que dela se utiliza, ela segue a direção apontada por ele e passa a retratar com fidelidade intenções, apreciações fundamentadas em formações ideológicas condizentes com valores específicos.

Nesse contexto, é através do estudo da palavra em comunhão com outras palavras e em situações comunicativas diversificadas, que poderemos entender com Orlandi (1999:43) que “os sentido não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas. As palavras mudam de sentido segundo a posição daqueles que as empregam”. Assim sendo, para que possamos entender o que está “por trás” da palavra é importante que a consideremos no seu intercâmbio com outras palavras, em situações comunicativas específicas que envolvem aspectos essenciais como quem fala? a quem a fala é dirigida? e de que falam?

### **Análise do corpus**

Seguindo essa linha de pensamento, procuraremos, neste trabalho, analisar a palavra inserida em situações comunicativas diferenciadas e os efeitos de sentido decorrentes do seu emprego de acordo com as necessidades expressivas daqueles que dela se utilizam. Para tanto, selecionamos como exemplo textos extraído da peça de Plínio Marcos, *Homens de Papel*. A escolha do texto teatral explica-se pela riqueza expressiva dos diálogos, retratada na espontaneidade da linguagem. A obra retrata a situação de miséria em que se encontram as pessoas que têm que catar papel para sobreviver. Representam um grupo do qual fazem parte Chicão, Tião, Maria-Vai, Pelado, Noca, Bichado, Poquinha, Jiló, Coco, Nhanha, Frido e Gá, filha destes dois últimos. Berrão é o patrão dos catadores. É ele que compra o papel e depois vende para uma fábrica. Em sua função, ele representa o poder corrupto, por se aproveitar da miséria do grupo, por meio de falcatura (roubando no peso e pagando menos) para levar vantagem. O texto selecionado retrata o momento em que Berrão chama os catadores para a pesagem do papel recolhido. O primeiro a ser chamado é Jiló. Na realidade, Berrão não chama simplesmente; ele “berra”. A personagem por ele representada não é designada pelo nome, mas pelo apelido. Berrão constitui o aumentativo de berro, nome substantivo que corresponde, de acordo com o Novo Dicionário Aurélio (1975:200), ao “grito rude e alto de uma pessoa”. Se o berro representa um ‘grito rude e alto’ um berrão equivale a um estrondo. O apelido normalmente é atribuído a alguém em razão de alguma característica ou qualidade relacionada com a maneira de ser, com o comportamento ou com a aparência física. Em se tratando da personagem citada, o apelido pode

estar relacionado com o seu tom de voz. Ele “berra” para ser temido, não simplesmente para ser ouvido. Seu tom de voz é um recurso de que ele se serve para fazer valer sua autoridade. Esta é sua maior preocupação: fazer valer sua autoridade. Contudo, no contexto interacional em que sua ação se desenvolve, é preciso mais que berrar para intimidar. Por esta razão, sua apresentação no início da narrativa se faz de maneira condizente com sua intenção: “Ao abrir o pano, Jiló, Tião, Maria-Vai, Chicão, Coco, Pelado e Noca estão diante de Berrão, que traz um revólver na cinta e uma balança de gancho na mão” (p.2). O “revólver na cinta”, inserido nesse contexto, adquire um valor semiótico e, conseqüentemente ideológico, pois se converte em instrumento de intimidação. É uma maneira de amedrontar e dominar os catadores de papel para que aceitem as regras do “jogo sujo” do “patrão”. É a ideologia do poder corrupto que irá permear a ação da personagem e que se materializará em sua formação discursiva. Esse é um aspecto importante a ser considerado para que possamos construir o sentido do texto em estudo. De acordo com Orlandi (1999:43), “os sentido sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto pé, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.” Nessa linha de pensamento, vamos iniciar a análise da conversação elaborada pelas personagens. Berrão inicia a convocação dos catadores de papel para a pesagem dos sacos:

BERRÃO – Avança o primeiro.  
(Jiló aproxima-se)  
JILÓ – Apanhei três sacos.  
BERRÃO – E daí? O peso é que interessa.  
JILÓ – Estão bem cheinhos.  
BERRÃO – A balança é que vai dizer.  
JILÓ – Nos três sacos, um pelo outro, deve ter uns trinta quilos.  
BERRÃO – Vamos ver. (Pesa o primeiro saco) Três quilos.  
JILÓ – Só?  
BERRÃO – Só, por quê?  
JILÓ – Não foi mole arrastar os sacos até aqui. (p.2)

O emprego do verbo *avançar* no modo imperativo não expressa um convite, mas uma ordem. Essa ordem tem a força de uma intimação que confere à fala da personagem tom próprio da autoridade militar. Berrão se posiciona como um general no comando de seu batalhão de soldados. Essa postura autoritária vai se acentuando à medida que a interação se desenvolve. Enquanto Berrão tenta, com seus argumentos, camuflar a verdade, distorcer os fatos, Jiló emprega a estratégia da insistência para fazer valer seus direitos de catador de papel. Por essa razão, está constantemente insistindo na quantidade de papel recolhido. Em um desses momentos, ele emprega a frase “Estão bem cheinhos” para rebater a observação de Berrão: “ E daí? O peso é que interessa”. O emprego do intensificador (bem), unido ao adjetivo (cheio), acompanhado do sufixo –inho reforça a idéia que ele (Jiló) deseja expressar: a quantidade de papel recolhida por ele. Na realidade, os sacos

estão cheios. É o que diz o narrador ao fazer a apresentação dos catadores de papel: “...Cada um dos catadores de papel arrastam sacos cheios de papel.” A seleção lexical feita pelo narrador-autor (arrastam/cheios) se vela a intenção de “tomar o partido” dos catadores e “denunciar” a desonestidade de Berrão. Eles “arrastam” porque o peso é excessivo e não lhes permite carregar os sacos que estão “cheios de papel”. Berrão, em contrapartida, procura sempre uma forma de contrariar, de quebrar a expectativa de seu interlocuto:

BERRÃO – E daí? O peso é que interessa.

BERRÃO – A balança é que vai dizer.

Ele coloca a balança como porta-voz da verdade. Ele se esconde “por trás” dela para justificar sua ação desonesta. Diante da insistência de Jiló que contesta o peso registrado na balança (“Não foi mole arrastar os sacos até aqui”), Berrão apela para a ofensa moral:

BERRÃO – É que tu ta podre. Pensa que cachaça sustenta? Tem que comer às vezes.

JILÓ – Não bebo.

BERRÃO – Come com farinha. (pesa o segundo saco) Dois e meio.

A oração “Come com farinha” é típica da linguagem coloquial do povo nordestino, que usa a farinha de mandioca como ingrediente principal na alimentação diária. “Comer com farinha”, em se tratando da bebida, significa beber diariamente e de forma excessiva. Desvinculada dessa situação comunicativa, a oração “come com farinha” pode ser entendida em seu significado lingüístico, sem estar direcionada a ninguém. Nesse contexto, porém, ela tem endereço certo: Jiló. É a ele que Berrão se dirige e é dele que constrói uma imagem (ethos) alicerçada em aspectos negativos: bêbedo, doente (podre), um miserável que depende do salário-esmola que recebe pelo papel que recolhe. No âmbito desse momento interacional, a oração deixa de ser apenas uma unidade da língua e se converte em enunciado acabado em que se insere uma posição responsiva do falante (cf. Bakhtin, 2003: 287)

Dando prosseguimento à análise, vamos surpreender Jiló novamente insistindo com Berrão:

JILÓ – Ta marcando mais

BERRÃO – Estou vendo. Não sou cego

JILÓ – Então não é dois e meio

BERRÃO – Aqui a gente sempre arredonda

JILÓ – Pra menos

BERRÃO – É? (p.2)

Nesse trecho da obra, podemos observar ainda a insistência como estratégia discursiva adotada por Jiló para não ser lesado em seus direitos. Ele chega a contestar o hábito do “arredonda para menos”. Esta é uma forma de não se submeter ao poder dominador de Berrão, alicerçada em falcatruas e trapanças. Berrão

prossegue na tentativa por submeter Jiló ao seu domínio. Sua fala (de Berrão) nesse contexto revela sua verdadeira intenção. Ele sabe o que está fazendo. Ele rouba e engana de “caso pensado”. Ele tem consciência de seus atos, do que a balança registra (“Estou vendo. Não sou cego”). Na verdade, a balança não exerce sua verdadeira função no contexto da sua ação desonesta. Como forma lingüística, desligada desse contexto, ela serve para medir o peso. Aqui, ela se insere na fala de Berrão e passa a servir a seus propósitos desonestos. O que ela registra não é levado em conta por ele. Vale o que ele determina, não o que balança “diz”. Para ele, a balança não representa nenhuma autoridade, uma vez que ele é quem decide tudo. Daí a necessidade do revólver para intimidar e obrigar os catadores a se submeterem à sua vontade. Sua intenção, desde o início foi dobrar Jiló, no sentido de que ele aceitasse seus argumentos baseados na distorção dos fatos. Eles entram em choque porque cada um faz uma interpretação diferente da palavra “balança”. Para Jiló, ela representa um objeto próprio para avaliar o peso, daí sua insistência para que seja considerada a medida certa, expressa na balança. Para Berrão, isto não significa nada, uma vez que as coisas são resolvidas por ele. Assim sendo, o sentido da palavra vai sendo construído no contexto interacional em que está inserida. Essa produção de sentido envolve, entre outros fatores, o “lugar” social de onde falam as personagens. Berrão, por exemplo, fala do lugar do patrão; melhor dizendo, de ditador. Nesta posição, o que prevalece são seus interesses particulares em função disso, ele cria leis que devem ser obedecidas sem quaisquer questionamentos. Sua formação ideológica, expressa em um discurso sustentado pelo autoritarismo, revela uma visão da realidade dividida entre fortes e fracos, superiores e inferiores. Nesse contexto em que os contrastes sociais são marcantes, ele integra a classe dos fortes e superiores enquanto os catadores de papel integram o grupo dos fracos e inferiores. Assim sendo, só lhes resta obedecer e aceitar o domínio de quem está acima deles. Esta maneira de pensar da personagem Berrão está expressa em seu discurso, se materializa em sua formação discursiva. Retomemos, agora, o diálogo entre Berrão e Jiló a fim de apreendermos o sentido de suas palavras:

JILÓ – Mas ta dando quase três.

BERRÃO – Dois e meio, e fim. Se não estiver contente, vai vender em outra parte. (pesa o terceiro) Também dois e meio.

JILÓ – Pôxa, seu Berrão. Olha aí. Falta só um pouco pra três quilos.

BERRÃO – Será que toda a mão vou ter que explicar o negócio do arredonda?

JILÓ – Não... É...

BERRÃO – Então não torra as minhas idéias. Se começar a me aporrinhar, te risco da lista

JILÓ – Me desculpe, falei por falar

BERRÃO – Veja lá. Em boca fechada não entra mosquito. Deu oito quilos bem pesados. Duzentos mangos por quilo, dá um conto e seiscentos. Desconta a gasolina do caminhão, a minha parte e os institutos, tenho que te dar seiscentos mil réis.

JILÓ – Sempre foi meio a meio

BERRÃO – Até ontem. Agora a gasolina subiu. Se não quiser fazer acerto comigo, leva direto pra fábrica. Mas já vou avisando, é bom que todo mundo escute. Tenho um arreglo com os caras lá da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim, me cubro das sacanagens. Agora, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender, vai.

JILÓ – Não. Sempre fiz acerto com o senhor.  
BERRÃO – Então pega o tutu e cai fora. Já enjoei da tua fuça.  
(Jiló pega o dinheiro e três sacos vazios e se afasta). (p.2-3)

Jiló continua resistindo à ação corrupta de Berrão, mas este, cansado de tanta insistência, resolve apelar para a força de seu poder. A opressão sobre seu interlocutor (um Jiló muito amargo, difícil de “engolir”) iniciar-se com a frase “se não estiver contente, vai vender em outra parte”. A pressão vai se acentuando à medida que a força de Jiló vai se enfraquecendo. Seu discurso (do Jiló) começa a ficar reticente (“Não... É...”) e perde a sua maior estratégia: a insistência. Tudo isso é compreensível se considerarmos o “lugar” social de onde fala Jiló. Berrão tem diante de si um interlocutor em condição inferior, a situação de miséria em que se encontra Jiló, o coloca em desvantagem em relação a Berrão que precisa tirar proveito da situação. Jiló já falou demais para o gosto de Berrão. Está na hora de fazê-lo calar. Percebendo que sua estratégia está quase atingindo o alvo, pois Jiló vai cada vez mais se “encostando na parede”, Berrão apela para a voz da sabedoria popular, que não pode ser contestada (pelo menos, por Jiló): “Em boca fechada não entra mosquito”. Nessa situação, ele procura colocar em prática uma das funções próprias do autoritarismo: fazer o outro se calar, impedir que diga o que quer para forçá-lo a aceitar sua vontade. Inserida no contexto histórico e político da época em que a obra foi escrita (1968), a frase proverbial adquire força expressiva muito mais intensa, pois no período da ditadura militar era lei ficar de boca fechada para não ser molestado por “mosquitos” indesejáveis. Aos poucos Jiló vai se rendendo à força persuasiva das palavras de Berrão que, no contexto em que são proferidas, não lhe dão outra alternativa. Ele se vê encurralado, como se estivesse num beco sem saída. Aqui se aplica a frase popular “se correr, o bicho pega; se ficar, o bicho come”. O golpe de misericórdia acontece quando Berrão tira a máscara e revela de forma explícita suas verdadeiras intenções e sua maneira desonesta de proceder: “Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim me cubro das sacanagens. Agora sua cabeça é seu guia. “Quer ir lá vender, vai.” Berrão deixa bem claro em sua maneira de falar que ele é o “dono da bola”. Ele retém e controla todas as regras do jogo. Resta apenas a Jiló aceitar e assumir sua condição de perdedor e sair de cena, consciente de sua incapacidade de mudar o rumo dos acontecimentos.

### **Considerações Finais**

Encerrada no universo limitado de dicionários e compêndios gramaticais, a palavra não serve a nenhuma causa, pois não fala por si mesma. Caminha sem rumo, sem direção. A partir do instante em que “veste” o pensamento do homem, ela assume seu verdadeiro papel e se liberta das malhas da camisa de força que a sufocam. E assim, “banhada” pela emoção, pela expressividade, ela segue a direção que o homem lhe aponta, abrindo e fechando portas, construindo castelos,

desmoronando sonhos. Nesse contexto, serve à verdade na voz do verdadeiro; à mentira na voz do mentiroso; à justiça na fala do justo e à injustiça na fala do injusto. Como porta-voz do autoritarismo, serve à causa do opressor e à causa do oprimido. E assim vai desvendando segredos, descortinando horizontes. Com ela, através de sua ação descobrimos que o patrão pode não ser um patrão, mas um ditador e a balança pode não ser uma balança, mas simulacro. Tudo isso só é possível, contudo, no mundo da interação em que a vida palpita e se mostra na fala do homem, através da palavra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec.

\_\_\_\_\_ (2003). *Estética da criação verbal*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

MARCOS, P. (1968). *Quando as máquinas param*. São Paulo: Editora Global.

ORLANDI, E.P. (1999). *Análise de discurso. Princípios & Procedimentos*. São Paulo: Pontes.